



DISCUTINDO CENTRALIDADE SIMBÓLICA NA TERRA DO PADROEIRO DO MARANHÃO: O COMPLEXO DO SANTUÁRIO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR EM DESTAQUE

Wanderson Ferreira dos Anjos ¹

RESUMO

O trabalho destaca um conjunto arquitetônico-religioso e suas implicações no espaço geográfico, remodelando a paisagem urbana no centro do município maranhense São José de Ribamar. Denota, pois o ordenamento espacial com base no papel exercido pelo sagrado na cidade, que se reafirma no decorrer do tempo e é realçado com a presença de elementos fixos no núcleo da área central. Para além de enumerar as formas simbólicas espaciais que compõem a obra, essa investigação científica aponta para os diferentes significados atribuídos pelos sujeitos, evidenciando os maiores símbolos da/naquele lugar. Utiliza como aporte metodológico a Fenomenologia, aos aspectos subjetivos e não apenas aos materiais, recorrendo-se a instrumentos de coletas de dados como Observação participante e Questionários. Pontua a construção do Complexo Arquitetônico do Santuário de São José de Ribamar como marco no contexto religioso e social do município em questão, favorecendo pontos de análise geográfica no que concerne, entre outros aspectos, a (re)definição da centralidade intraurbana.

Palavras-chave: Centralidade simbólica, Centro da cidade, Complexo do Santuário, São José de Ribamar.

ABSTRACT

This work highlights an architectural-religious complex and its implications for the geographical space, reshaping the urban landscape in the center of the municipality of São José de Ribamar, in the state of Maranhão. It denotes the spatial ordering based on the role played by the sacred in the city, which is reaffirmed over time and emphasized by the presence of fixed elements in the core of the central area. Beyond enumerating the symbolic spatial forms that compose the work, this scientific investigation points to the different meanings attributed by the subjects, highlighting the major symbols of/in that place. It uses Phenomenology as a methodological approach, focusing on subjective aspects and not only on material ones, employing data collection instruments such as participant observation and questionnaires. It highlights the construction of the Architectural Complex of the Sanctuary of São José de Ribamar as a landmark in the religious and social context of the municipality in question, favoring points of geographical analysis concerning, among other aspects, the (re)definition of intra-urban centrality.

Keywords: Symbolic centrality, City center, Sanctuary complex, São José de Ribamar.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, wanderson.anjos@unesp.br



INTRODUÇÃO

A centralidade e as formas espaciais com base nos processos de concentração e centralização configuram o centro de uma cidade praticamente como uma área à parte, distinta e diferenciada das demais áreas que forma o município. Assim, é comum o centro – único, principal e consolidado - congregar uma série de atividades que o tornam mais dinâmico e atrativo, tanto do ponto de vista econômico, quanto social, cultural e religioso. Ao considerarmos a centralidade em seu conteúdo simbólico e as formas simbólicas espaciais arraigadas de significados teremos formas simbólicas espaciais. Tal compreensão se dá a partir das discussões arroladas por Corrêa (2007) nas quais o autor destaca os significados, o caráter identitário, a espacialidade e o entendimento do pretérito e do futuro com base nas formas simbólicas.

A motivação pelo tema e a justificativa para sua investigação surge da necessidade de se entender a dinâmica urbana e os elementos que expressam a centralidade na área central do município maranhense de São José de Ribamar, apontando para as transformações e permanências presentes nesse lugar frente ao novo elemento que é um Complexo Arquitetônico-Religioso (Complexo do Santuário). A obra religiosa é encarada como um objeto relevante para a análise simbólica e para os significados e representações (Corrêa, 2007; Hall, 1997) a ela atribuídos pela população católica local, regional e nacional.

O estudo aqui desenvolvido privilegiará a organização intraurbana do município ribamarense a partir da centralidade exercida pelo Complexo do Santuário. Com isso, busca se entender de que maneira essa forma simbólica espacial - o Complexo - contribui para a dinâmica de centralidade no centro do município ribamarense, configurando-o como uma cidade-santuário. Descrever sobre a construção dessa obra evidencia a produção do espaço pelo sagrado, visando compreender sua representatividade para a comunidade e os significados atribuídos a ela pelos diferentes sujeitos. Esses elementos tornam-se objetivos a serem perseguidos nesse estudo.

Associada aos objetivos, pontua-se a relevância no trato da categoria paisagem, entendida como “[...] uma construção, um produto da apropriação e da transformação do ambiente em cultura. Assim, os seres lhes atribuem um significado” (Almeida, 2008, p. 47). Muito além da mera descrição do que se vê, o estudo da paisagem reflete a percepção dos movimentos (fluxos) que o Complexo do Santuário (fixo) é capaz de operar na área central da cidade, considerando os elementos simbólicos que conferem significados às formas. O Complexo do Santuário de São José de Ribamar expressa a centralidade exercida pelo centro



principal do município tendo por elemento fixo principal a igreja matriz, do qual foram se somando outros fixos e fluxos constituindo uma forma espacial simbólica.

Com o intuito de nortear o trabalho, o aporte metodológico caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa, privilegiando-se os objetos fixos e as diferentes interpretações e significados atribuídos à obra pelos sujeitos investigados; aproximando-se de uma análise também fenomenológica. Para tanto, o levantamento bibliográfico e as pesquisas de campo foram basilares, utilizando-se como instrumento de coleta de dados, a observação participante e questionários.

A definição de São José de Ribamar como uma cidade-santuário reforça o caráter integrador que a mesma assume, no qual os fluxos de pessoas, informações e mercadorias conferem dinamicidade a área central da cidade e a seu núcleo, impulsionando entre outras atividades, o comércio e o turismo religioso e balneário. A forma simbólica espacial investigada – o Complexo do Santuário de São José de Ribamar – se diferencia na paisagem da cidade e é capaz de influir uma dinamização turística, contribuindo significativamente para a reafirmação do conteúdo religioso e também para o avanço da economia. Nesse prisma, o município desse vale da paisagem como um recurso estratégico para a prática e impulsão do turismo religioso.

METODOLOGIA

Parte-se de uma abordagem qualitativa, onde o mundo objetivo e o mundo subjetivo desses sujeitos são indissociáveis - como defendem Andrade e Schmidt (2019). O método fenomenológico se torna valioso para a compreensão do fenômeno investigado, abordando as percepções emitidas e o posicionamento ativo dos sujeitos. De acordo com Nogueira (2004, p. 212), “[...] a perspectiva fenomenológica da geografia deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, onde o físico/humano são elementos percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos que o experienciam”.

Sobre os procedimentos técnicos, fora realizado pesquisas de campo e levantamento bibliográfico, com contribuições teóricas de Tricart (1956); Lefebvre (1969); Sposito (1991, 2001); Whitacker (2011, 2017, 2020); Salgueiro (1994); Corrêa (1989) e Rosendahl (2018), autores que se destacam nos subcampos da Geografia Urbana e Geografia Cultural, especialmente, quanto à discussão conceitual de centro, centralidade, formas simbólicas espaciais, paisagem, interpretação simbólica e significados. Foram realizadas 5 pesquisas de campo, durante 2022 e 2024, contando com o total de 85 fiéis e devotos e 23 comerciantes que



responderam aos questionários, dos quais parte das interpretações compõem esse capítulo, além da observação participante feita pelo pesquisador *in locu*.

As descobertas geradas a partir do levantamento bibliográfico possibilitaram fazer uma análise do santuário ribamarense tecendo certas aproximações e diferenças com outros santuários espalhados pelo Brasil e que já foram tomados como campo de pesquisa de outros geógrafos em seus trabalhos de doutorado e mestrado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um conjunto de autores respalda as análises aqui empreendidas, sendo peças fundamentais para a discussão e entendimento do fenômeno investigado, recorrendo-se aos seus posicionamentos feitos por meios de citações diretas e indiretas. Desse modo, para melhor compreensão e organização do trabalho, seguem alguns itens, a saber: uma discussão sobre Centro e Centralidade nos estudos urbanos, uma apresentação do município em estudo com base nos seus elementos histórico-geográficos e o destaque à Contrução do conjunto arquitetônico religioso do Santuário para as possíveis discussões sobre sua centralidade simbólica.

CENTRO E CENTRALIDADE SIMBÓLICA NA FORMAÇÃO DAS CIDADES

A concentração de atividades produtivas leva a formação de áreas centrais nas cidades, aglutinando estruturas e equipamentos como demonstração de poder e hierarquia espacial como palácios e templos. Enquanto em seu entorno, há a comercialização de variados produtos à disposição da população. Essas áreas centrais se caracterizam pelo intenso fluxo de mercadorias, informações e pessoas, possuindo um valor de solo elevado.

A ideia de símbolo nesse estudo se aproxima daquela ressaltada por Monnet (2000, p. 405) entendendo “[...] aqueles objetos espaciais cuja identificação integra sistemática e voluntariamente uma dimensão significativa, além de uma simples função de sinalização.” Esse conceito é reforçado com as proposições de Chevalier (1969) que aponta duas características dos símbolos: a própria realidade do objeto com os possíveis significados ligado a ele, e uma realidade de outra ordem que se materializa no objeto.

A expressão arquitetônica dessas relações de poder na área central é revelada através das marcas, obras, construções e símbolos, logo são dotadas de uma prerrogativa integradora e



simbólica (Castells, 1983) na formação da paisagem urbana. As complexas transformações verificadas no período neolítico, entendidos como gênese e evolução das cidades, reúnem fatores técnicos e econômicos importantes de serem analisados, tal como abordam Sjoberg (1960) e Harvey (1980).

Rosendahl (1999), por sua vez, entende que há uma outra vertente interpretativa quanto a origem da cidade no período paleolítico - os antigos santuários desse período privilegiam o papel ativo desempenhado pela religião no contexto social no desenvolvimento das cidades, destacando-se os trabalhos de Eliade (1962) e Tuan (1980) que reificam essa vertente.

[...] ali nos santuários verificava-se uma vida mais intensa. Não representavam apenas abrigo e lugar de expressão artística. Exerciam também um poder de atração para homens vindos de muito longe, atraídos pelo estímulo espiritual para compartilhar as mesmas práticas mágicas ou crenças religiosas (Rosendahl, 2018, p. 48).

Contudo, tanto a centralização era um atributo espacial do santuário quanto a segregação, com especificação rigorosa àqueles que ocupariam os cargos nesses espaços.

No curso da história se percebe, com maior nitidez a partir do período neolítico, o aparecimento de classes dominantes e classes dominadas, deixando mais latente as disparidades socioespaciais entre os que mandam e os que obedecem. À época, essa relação se caracterizava pela conformação de dois grupos diferentes: “os que se apropriam de excedentes de produção e realizam trabalho intelectual e a massa de agricultores” (Rosendahl, 2018, p. 53-54). Assim, origina-se a cidade que abriga os símbolos de dominação (o palácio e o templo) e os agentes da dominação (militares, sacerdotes e os especialistas diversos, artesãos, comerciantes) (Rosendahl, 2018).

A partir de então, a valorização dos fatores técnicos e econômicos na sociedade acabam por gerar uma nova caracterização do espaço. Esse movimento faz emergir um núcleo dentro da cidade com características próprias, marcado pelas convergências de bens e serviços, para onde as pessoas se direcionam a fim de estabelecer trocas - o Centro. “Na maioria dos casos [...] implica e propõe concentração de tudo o que se dá no mundo, na natureza e nos cosmos: produtos da terra, produtos industriais, obras humanas, objetos e instrumentos, atos e situações, signos e símbolos” (Lefebvre, 1983, p. 46).

Por estar intimamente atrelado as trocas de mercadoria e dinheiro, essa área no interior da cidade possui uma dimensão econômica preponderante (Whitacker, 2011), estimulando o próprio consumo de bens e serviços. Por essa concentração de capital, associam-se aí equipamentos urbanos públicos e privados diversificados, valendo-se da convergência informacional e dos sistemas de transporte. Entretanto, pode-se destacar também o aspecto



cultural bem aflorado no centro, ao envolver diferentes percepções e significados elaborados pelos diferentes sujeitos que o vivenciam diária ou, esporadicamente; uma relação entre aspectos econômicos e culturais, revelando suas dinamizações na própria produção do espaço urbano. Inclusive, a acessibilidade destaca-se como elemento forte na infraestrutura urbana de áreas centrais, com destaque nos transportes públicos para condução dos cidadãos e/ou trabalhadores. Nesse contexto, o alcance espacial do centro possui variações, podendo atrair partes, toda a cidade ou, ainda, outras cidades do seu entorno.

Tratando-se de uma cidade-santuário - considerada também como hierópolis por Rosendhal (2008), entendida como “centros de convergência de peregrinos que com suas práticas e crenças materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço” Rosendhal (2008, p.71), como é o caso de São José de Ribamar, - a atenção da investigação se volta não apenas para o morador local, mas também para aqueles advindos de outros municípios maranhenses, outros estados do nordeste e, até mesmo, outras regiões do país que se deslocam para frequentar o santuário.

A centralidade “diz respeito aos fluxos, à fluidez, ou seja, é a expressão da dinâmica da definição/redefinição das áreas centrais e dos fluxos no interior da cidade e nas escalas da rede urbana e da aglomeração urbana” (Whitacker, 2007, p. 33). Assim, a centralidade não está “amarrada” apenas pelo que está fixo no espaço, mas, sobretudo, ao movimento provocado, inclusive, pelas mudanças ocorridas no decorrer do tempo. Resulta, pois, da articulação de diferentes níveis (não apenas no intraurbano), dimensões e escalas que configuram associação de fluxos em rede. Em outras palavras, a centralidade é dinâmica, definida no tecido urbano pelos fluxos e, ao mesmo tempo, na escala da conjuntura de rede. Disso, também, a centralidade possuir um conteúdo social permeado de símbolos e representações (Whitacker, 2017).

No presente estudo, vale destacar a área central (e seu núcleo) da cidade onde o Complexo do Santuário de São José de Ribamar foi construído, mas também os fluxos que ela gera, dotando a localidade de uma dinâmica própria. Para Lefebvre (1999, p. 110), “a centralidade não é indiferente ao que ela reúne, ao contrário, pois ela exige um conteúdo.”

Quando essas formas simbólicas se relacionam a espaços específicos, estabelecendo atributos de espacialidade como localização e itinerários a partir desses elementos fixos e dos fluxos, destaca-se o seu caráter espacial. Assim, as formas simbólicas espaciais são constituídas pelos fixos e fluxos e interligadas por símbolos que, por sua vez, são dotados de significados.

As formas simbólicas tornam-se formas simbólicas espaciais quando constituídas por fixos e fluxos, isto é, por localizações e itinerários, apresentando os atributos primeiros da espacialidade. Palácios, templos [...] monumentos em geral, shopping

centers, cidades e elementos da natureza, procissões, desfiles e paradas, entre outros, são exemplos correntes de formas simbólicas espaciais (Corrêa, 2007, p. 8-9).

No caso ribamarense, o conteúdo simbólico expressado na centralidade do Complexo se se dá com base em associações desse conjunto com a primazia da área central da cidade.

SÃO JOSÉ DE RIBAMAR: caracterização histórico-geográfica

Situado no extremo leste da Ilha do Maranhão, o município de São José de Ribamar é rodeado pelo mar da baía de São José e limitado ao norte pelo município de Paço do Lumiar e pelo Oceano Atlântico; ao Sul, pelos de Rosário e Axixá; a Leste, pelo de Icatu; a Oeste, pelo de São Luís. Faz parte da Região de Desenvolvimento Metropolitano de São Luís e também integra a Região Metropolitana de São Luís, de acordo com proposta de regionalização do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC, 2020). Encontra-se a 32 km de distância da capital maranhense, apresentando uma área de 180,363 km², com uma população de 244.579 habitantes (IBGE, 2022) (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de localização do município de São José de Ribamar



Fonte: Anjos (2024, p. 39).

Em relação à produção do espaço urbano, faz-se um resgate do seu processo de ocupação, no qual a nomeação da cidade e sua história perpassam pela lenda de uma caravela vinda de Portugal para o Maranhão, via baía de Guaxenduba, chegando ao ponto de um possível naufrágio devido os bancos de areia presentes e por causa de uma grande tempestade que se

formou. O capitão fez uma súplica aos céus, clamando por São José que os livrasse da tormenta; uma onda gigante arrebatou a embarcação, jogando-a sobre uma croa. (Miranda apud Reis, 2001). Tal narrativa histórica está registrada nos vitrais da Igreja matriz, como pode se observar na Figura 2, abaixo.

Figura 2 – Vitrais da Igreja Matriz retratando a tempestade e a entrega da imagem do santo



Fonte: Anjos (2024, p. 40).

Quando os franceses chegaram, em 1612, já encontraram indígenas Tupinambás habitando a localidade. Quando das incursões nas aldeias para rezar missas, destaca-se a aldeia de Jurupaná, maior da época, onde levantou-se uma enorme cruz de madeira. “[...] São José [era] a única entre as grandes e populosas aldeias encontradas pelos francezes em Maranhão, as quais contavam cerca de 12.000 almas, que ainda conservam umas pequenas relíquias” (Pestana, 1923, p. 13).

Em 1624, o governador Francisco Coelho de Carvalho determinou a colonização das terras da localidade através da carta régia do rei da Espanha D. Felipe IV, sendo empossado de passar cartas de datas e sesmarias, nas quais “[...] concorreram logo algumas pessoas, como religiosos, a pedir as terras que se lhes faziam precisas para o benefício de suas lavouras” (Marques, 1870, p. 36). Em 1627 as terras foram demarcadas e tombadas pelo ouvidor Matias Freitas, uma vez que a posse dos terrenos foi concedida aos jesuítas através de datas e sesmarias. Assim, no dia 16 de dezembro de 1627 nascia a Vila de São José.

Conquistada a elevação do Arraial para categoria de Vila, a vida política da mesma começou a se desenvolver no início de julho de 1755 quando, por meio de alvará, o governador



Gonçalo Souza restituía aos indígenas a posse das terras e a remoção dos padres jesuítas sobre as mesmas. Em 5 de agosto de 1757 a Vila fora elevada à categoria de Lugar.

[...] não tendo os indígenas terras próprias para suas culturas, entendeu o governador que era necessário conceder qualquer terreno, embora fosse dos padres da Companhia ou de outras pessoas sem embargo dos títulos [...] Para este fim, pediu que [alguns homens] marcassem terras quanto suficiente, não só para subsistência dos indígenas, como também para a de cem casais que pretendia introduzir neste local [...] marcaram terras para 200 casais, durante um século (IMESC, 2021, p. 42).

Pestana (1923) destaca que até antes 1896 já era possível perceber algumas melhorias de infraestrutura urbana a partir dos trabalhos de uma comissão composta por Antônio José Barreiros, Antônio José Alves e Carlos Ferreira Coelho. Ainda assim, havia dificuldades no acesso por terra à cidade, já que que inexistia uma estrada em boas condições de tráfego, recorrendo-se prioritariamente às embarcações marítimas que desempenharam um importante papel de locomoção dos cidadãos (o ponto de saída era o Porto do Barbosa).

De acordo com Reis (2001), após vários processos políticos quanto à denominação do lugar, sendo por várias vezes extinta e restaurada a categoria de município, pela lei estadual nº 758, de 24 de setembro de 1952, assinada pelo governador Eugênio de Barros, o município passa a se chamar Ribamar. A restauração definitiva do nome da cidade foi executada pela lei estadual nº 2.980, de 16 de setembro de 1969 que passou a incluir “São José” a Ribamar, ou seja, São José de Ribamar, em homenagem ao santo católico.

Até a década de 1960, o município caracterizava-se como um espaço rural com área de 231,8km², tendência alterada no início dos anos 1970, onde a área urbana ribamarense já correspondia a 35km² em contraposição aos 197km² de espaço rural (Trovão, 1994). Entre os anos 1980 e 1990 houve um processo de urbanização da capital São Luís baseado em empreendimentos siderúrgicos industriais, provocando uma expansão urbana direcionada a São José de Ribamar (Alcobaça, 2017).

O COMPLEXO DO SANTUÁRIO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR E SUA CENTRALIDADE SIMBÓLICA

A construção do Complexo do Santuário de São José de Ribamar (Figura 3) se deu a partir de 1995 e sua entrega foi realizada no dia 3 de setembro de 1997 (Conceição apud Reis, 2001).

Figura 3 – Mapa do Complexo do Santuário de São José de Ribamar



Fonte: Anjos (2024, p. 82).

Destaca-se o importante papel do padre Xavier Gilles como principal idealizador do projeto arquitetônico-religioso. Denominado de Projeto Basílica, este contou com três etapas: (1) Construção do Caminho de São José que se configura como um conjunto com oito estações recordando a vida do esposo da Virgem Maria; (2) Museu dos Ex-Votos, espaço reservado para galeria de fixação de elementos trazidos por romeiros e devotos do santo em pagamento de promessa; (3) Concha Acústica, local de celebração e atividades religiosas, situada à frente da Igreja Matriz, abrigando uma cripta na parte interna.

A primeira etapa do projeto foi iniciada em 1996, através da produção do conjunto de vinte e oito estátuas que formariam as oito estações sobre a vida de São José, o pai adotivo de Jesus, conforme narra os Evangelhos. O responsável pela criação foi o escultor goiano Sival Veloso que improvisou sua oficina no Salão Paroquial (Miranda, 2023). A inauguração do Caminho de São José deu-se em 12 de setembro de 1997 (Figura 4).

Figura 4 - Estação do Caminho de São José



Fonte: Anjos (2024, p. 85).

A etapa posterior previa a construção do Museu dos Ex-Votos (Figura 5) ao lado da Gruta de Lourdes. Sobre a estrutura do Museu foram alocadas as estátuas de São José de Ribamar e o Menino Jesus, construídas em abril de 1998. Denominado de Monumento a São José (Figura 6), a obra possibilita uma visão panorâmica da cidade por estar na parte central, fora inaugurado juntamente com a Casa das Velas (Figura 7) em setembro de 1998.

Figura 5 – Museu dos Ex-votos



Fonte: santuarioderibamar, 2018.

Figura 6 – Monumento



Fonte: santuarioderibamar, 2018.

Figura 7 – Casa das Velas



Fonte: santuarioderibamar, 2018.

A última etapa da obra contemplava a construção da Concha Acústica e da Cripta (Figura 8), uma estrutura moderna que representa uma Bíblia aberta, sendo projetada pelo mesmo profissional do Museu e das Estações, possuindo 10 metros de altura e 20 metros de largura. “Nela são celebradas as solenidades eucarísticas dos importantes eventos religiosos.” (Miranda, 2023, p. 53). Inaugurada em 04 de setembro de 1998, a Concha Acústica recebe as

principais celebrações em períodos festivos do santo, congregando as multidões que vêm participar das missas e preenchem todo o espaço aberto da praça entre a matriz e a concha.

Figura 8 – Concha acústica



Fonte: santuarioderibamar, 2018

Compreendemos, a partir do levantamento bibliográfico teórico-conceitual da Geografia, da formação e constituição da cidade-santuário e da pesquisa de campo realizada, que o Complexo do Santuário de São José de Ribamar expressa a centralidade exercida pelo centro principal do município tendo por elemento fixo principal a igreja matriz, do qual foram se somando outros fixos e fluxos constituindo uma forma espacial simbólica, esta consolida e reforça o caráter congregador e centralizador a partir do poder religioso.

É preciso lembrar que “A centralidade não é um lugar, ou uma área da cidade, mas, sim, a condição e expressão de central que uma área exerce ou representa” (Sposito, 2013, p. 73). Com efeito, as sucessivas construções e reformas realizadas ao longo da antiga Praça da Matriz (em frente à Igreja católica) e seu entorno dão condições para que essa porção do espaço (núcleo da área central) se constitua como área com maior acessibilidade, condição essencial para a instalação de atividades comerciais e de serviços. Assim, a centralidade simbólica passa a ser estudada com base nas formas espaciais (simbólicas), envolvendo os símbolos e os significados a elas relacionados, possibilitando o surgimento de fluxos e movimentos na área (e, também, fora dela) onde as formas fixas estão assentadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fixação da Igreja Matriz de São José de Ribamar na área central da cidade reforça o poder que ela exerce no contexto intraurbano. Esse dado pode ser enunciado a partir do grande



contingente populacional anualmente e de maior efervescência nos períodos de março e setembro quando ocorrem as festividades do santo (o primeiro em alusão ao santo padroeiro da igreja católica universal – São José, o pai adotivo de Jesus; o segundo, grande festejo de setembro, celebra o santo padroeiro do estado e protetor da cidade, que usa botas – São José de Ribamar).

Os devotos com que se teve contato destacaram três principais motivos da visita ao Complexo do Santuário: questões exclusivamente religiosas (pagar promessas, realizar pedidos, agradecer, participar das missas e novenas), atividades de lazer/passeio (visitar a estátua do santo e a igreja) e por curiosidade para conhecer o lugar. Houve ainda quem indicasse a realização de compras (não apenas de artigos religiosos) como fator atrativo de deslocamento. O que corrobora com os estudos de vários autores que afirmam que “[...] a atividade do turismo religioso no Brasil não se limita à esfera religiosa. É válido destacar que há entre os ‘turistas religiosos’ que chegam às localidades um sujeito que vai possuir motivações diversas. Um sujeito que possui motivações culturais, históricas ou puramente curiosidade turística [...]” (Rocha; Barbosa, 2020, p. 376).

Na visão dos sujeitos da pesquisa, a igreja matriz é o maior símbolo do Complexo. Turistas de diferentes estados, afirmam que a igreja possui um papel central no conjunto, o que faz aproximar das afirmações de Souza (2017, p. 97) que evidencia o papel do templo religioso católico como “[...] forma simbólica espacial de forte ação ordenadora da vivência do religioso no povoado do Bonfim [Tocantins] [...]”. Assim como ocorre no santuário de Nosso Senhor do Bonfim, em São José de Ribamar é possível verificar um ordenamento da vivência religiosa a partir das celebrações e rituais que são realizados na igreja.

O destaque dado a fé e a igreja não é por acaso, mas por se constituir, na visão dos sujeitos investigados, como o maior símbolo do complexo. Ribamarenses, maranhenses, turistas de diferentes estados, afirmam que a igreja possui um papel central no conjunto arquitetônico. Entre as justificativas para esse se constituir o maior símbolo, tem-se o seguinte:

“Por ser um local de pregação da Palavra de Deus, onde buscamos estar mais próximos Dele; templo de expressão de fé. Para pedir bênçãos e agradecer também.”

“Por que a igreja é o símbolo mais importante quando se fala da história da cidade, é a protagonista da história.”

“Há além da arquitetura da igreja, o simbolismo de ser o Santuário de São José, padroeiro do estado do Maranhão, e também o simbolismo da igreja estar ao centro com imponência da construção.”



“São diversos os fatores que levam a declarar a Igreja Matriz como símbolo maior. Isso decorre do valor histórico e cultural das construções e reformas por qual passou, dos eventos religiosos nela realizados, do abrigo central do padroeiro do lugar, da centralizada espiritualidade dos católicos.”

Nesse espaço, as pessoas participam das missas e podem depositar seu ex-votos no “Altar de São José – milagres e promessas”. No caso de práticas religiosas organizadas pelo Santuário ribamarense, destacam-se ainda os objetos feitos de cera, além do benzimento de veículos realizados após as celebrações de domingo, como uma forma de proteção e livramento contra acidentes ou outros infortúnios.

Esse símbolo maior (Igreja Matriz) pode ser relacionado a outros em sua ambiência, podendo gerar um roteiro. Um ponto de destaque no trabalho de Costa (2011) é a menção ao roteiro devocional, um conjunto de lugares que são visitados pelos fiéis romeiros. Em suas análises sobre o contexto cearense, o supracitado autor destaca a “Estátua de São Francisco como uma forma simbólica que dialoga com o símbolo maior do santuário que é a basílica, sendo um dos locais mais visitados na cidade.” (Costa, 2011, p. 3). Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se estabelecer a mesma dinâmica no santuário ribamarense onde o Monumento a São José de Ribamar (Figuras 59 e 60) está intimamente ligado à Igreja Matriz, apontada como o maior símbolo daquele espaço.

Figura 9 - Monumento a São José de Ribamar



Fonte: Anjos, 2025.

Destaca-se o caráter mítico presente no espaço, de forma geral, e em cada forma simbólica, em específico, expressando um contato com o sagrado a partir da intercessão do santo. As formas simbólicas espaciais alocadas constituem um canal entre o homem e o seu



Criador, tornando-se instrumentos de mediação na qual a fé assume papel relevante. Sobre as representações identitárias, Costa (2011) apregoa a importância das representações simbólicas atinentes aos lugares sagrados, com destaque para os santuários cearenses de Canindé e Quixadá.

Essa compreensão também é pertinente ao Complexo do Santuário de São José de Ribamar a medida em que esse lugar sagrado gera um fluxo contínuo a partir de seus fixos, ordenando as atividades e impulsionando a visitação local. Observa-se um ordenamento espacial marcado pela atividade religiosa, onde os sujeitos atribuem significados que são “comunicados” e caracterizam o fiel católico. Assim, corrobora-se com a ideia de Rosendahl (2018) que “Ao analisar as atividades das cidades de função religiosa, é preciso considerar dois aspectos: a sua organização espacial interna e o papel do agente modelador, no caso os peregrinos, através da vivência do espaço sagrado [...]”

Ao buscar saber as possíveis relações entre a obra arquitetônica (com todo o dinamismo a ela atrelado – de pessoas, mercadorias, fieis, consumidores) e as práticas de consumo, foi possível constatar que: do total de turistas, uma pequena parcela não realiza nenhuma compra e a outra parte sempre compra algum artigo ou objeto nos arredores do Santuário. Entre os que realizam essa atividade, o consumo de artigos religiosos desponta (terços, fitas e camisas do santo, principalmente), o consumo de lanche e chapéu aparece com menos força entre os visitantes. Os estabelecimentos comerciais presentes no entorno da igreja são os mais acessados pelos turistas no qual a Casa dos Milagres se destaca como maior estabelecimento de consumo entre esse público. Em relação aos visitantes oriundos do próprio estado, todos consomem lanches ou artigos religiosos nos estabelecimentos próximos ao Santuário. Já entre os ribamarenses, todos têm o costume de comprar algum item, e as peças de devoção religiosa e artigos são os mais procurados. Cabe destacar que além desses produtos, a comunidade local também consome água de coco e lanches em geral com maior frequência.

[...] A deposição da imagem sagrada e sua identificação e reconhecimento enquanto santuário, fixado no espaço o delimitando na condição de lugar sagrado, passa a atrair os fluxos, ou seja, as pessoas que buscam o encontro com o sagrado e paulatinamente, também pessoas na oferta de produtos e serviços para a promoção do encontro e bem-estar físico das pessoas [...] (Bernardino; Galvão, 2021, p. 6)

A vivacidade na área do Complexo do Santuário de São José de Ribamar é notada através dos fluxos de pessoas e produtos/mercadorias que (re)configuram a paisagem urbana da área central da cidade. Os períodos festivos apresentam uma outra dinâmica ao lugar, a partir do estabelecimento de variados vendedores e diferentes pessoas que, com suas práticas



(religiosas, culturais e econômicas) remodelam a dinâmica da cidade, denotando de maneira expressiva a relação entre o sagrado e o urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma simbólica espacial investigada – o Complexo do Santuário de São José de Ribamar – se diferencia na paisagem da cidade e é capaz de influir uma dinamização turística, contribuindo significativamente para a reafirmação do conteúdo religioso e também para o avanço da economia. Nesse prisma, o município desse vale da paisagem como um recurso estratégico para a prática e impulsão do turismo religioso.

Desse modo, percebe-se o sagrado (re)criando o espaço urbano, de tal modo que romeiros e devotos são entendidos não como agentes passivos, mas como modeladores e consumidores do espaço (sagrado), sendo capazes de impregnar uma (re)organização espacial evidenciada pelos variados símbolos e significados, colaborando para o entendimento da dimensão espacial organizada pelo sagrado.

O estudo das formas simbólicas espaciais dispostas no conjunto religioso ribamarense se caracteriza como um rico campo de análise para questões geográficas configurando-se um objeto complexo que envolve aspectos além da religiosidade. Não se esgotando as reflexões nesta investigação científica empreendida, esperamos contribuir com trabalhos vindouros dessa temática tão cara não só a São José de Ribamar, mas que já atinge outras escalas e reverbera sua centralidade simbólica.

REFERÊNCIAS

ALCOBAÇA, L. E. **A moradia como “causa”**: uma análise do processo de afirmação de uma associação habitacional e de seus empreendedores políticos na Região Metropolitana de São Luís/MA. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

ALMEIDA, M. G. de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, M. G., CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (org.). **Geografia e cultura**: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Editora Vieira, 2008.

BERNARDINO, S. da S.; GALVÃO, J. de C. A influência do sagrado na dinâmica urbana e regional em cidades nordestinas: análise comparativa nos santuários Frei Damião (Guarabira-PB), Santa Rita de Cássia (SantaCrus-RN) e Padre Cícero (Juazeiro do NorteCE). In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 14., 2021. **Anais eletrônico** [...] Campina Grande: Realize Editora, 2021. p.01-20.



CASTELLS, M. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CHEVALIER, J. **Dictionnaire des symboles**: introduction. Paris: Robert Laffont, 1969.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 2007. p.07-18.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

COSTA, O. J. L. **Canindé e Quixadá**: construção e representação de dois lugares sagrados no sertão cearense. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1962.

HALL, S. “The work of representation”. In: HALL, S. (org.) **Representation**: Cultural representation and cultural signifying practices. New Delhi: Open University, 1997.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS. **Regiões de desenvolvimento do estado do Maranhão**: proposta avançada. São Luís: IMESC, 2020.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS. **Enciclopédia dos Municípios Maranhenses**: Ilha do Maranhão. São Luís: IMESC, 2021.

LEFEBVRE, H. **La revolución urbana**. Madrid: Alianza, 1983.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARQUES, A. C. **Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão**. São Luís, 1870.

MIRANDA, A. J. F. **Tradição, lendas e história de São José de Ribamar**. São Luís: Editora GT, 2023.

MONNET, J. As dimensões simbólicas da centralidade. **Revista Cite**, v. 44, n. 123, p. 399-418, 2000.



NOGUEIRA, A. R. B. Uma interpretação fenomenológica da geografia. In: GALENO, A.; SILVA, A. D. da (org.). **Geografia, ciência dos complexus**: ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 209-236.

PESTANA, E. **O mais completo histórico dos primeiros milagres de S. José de Ribamar**: da lenda à realidade – a marcha progressista do lindo arraial, através dos tempos. São Luís: Imprensa Oficial, 1923.

REIS, J. R. S. dos. **São José de Ribamar**: a cidade, o santo e sua gente. São Luís, 2001.

ROCHA, M. da S.; BARBOSA, J. M. O hipertotem Santa Rita de Cássia na dinâmica paisagística do turismo em Santa Cruz/RN. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. v. 1, n. 31, p. 372-395, 2020.

ROSENDAHL, Z. “O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades”. In: ROSENDAHL, Z. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. In: ROSENDAHL, Z. (Org.) **Uma procissão na geografia** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. p. 47-75.

SALGUEIRO, T. B. Repensar a cidade face a novos desafios. **Philosophica**, Lisboa, n. 4, p. 69-80, 1994.

SJOBERG, G. **The preindustrial city**: past and present. Texas: Glencoe Free Press, 1960.

SOUZA, J. A. X. de. **Espaços de peregrinação**: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Geografia**, São Paulo, n. 10, p. 01-18, 1991.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In.: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-93.

TRICART, J. Contribuição ao estudo das estruturas urbanas. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 135, p. 473-481, 1956.

TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

WHITACKER, A. M. Centro da Cidade, Centralidade Intraurbana e Cidades Médias. In: MAIA, D. S.; SILVA, W. R.; WHITACKER, A. M. **Centro e Centralidade em Cidades Médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 149-178.

WHITACKER, A. M. **Urbanismo e urbanidade**: um debate em torno de renovação, reabilitação, revitalização e regeneração urbanas. Mesa Redonda. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2011.



ENANPEGE

XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

WHITACKER, A. M. Inovações tecnológicas, mudanças nos padrões locacionais e na configuração da centralidade em cidades médias. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 9. Porto Alegre. **Actas del Coloquio** [...] Porto Alegre: UFRGS, 2007.

WHITACKER, A. M. **Urbanização e produção do espaço:** formas espaciais, forma urbana, morfologia urbana e paisagem urbana. 12 de agosto de 2020. 60 p. Universidade Estadual Paulista. Câmpus de Presidente Prudente. Programa de Pós-Graduação em Geografia: Presidente Prudente. Notas de Aula. Documento eletrônico.

WHITACKER, A. M. **A produção do espaço urbano em Presidente Prudente:** uma discussão sobre a centralidade urbana. 1997. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 1997.